

**O MAR
É A NOSSA
TERRA**

MIGUEL FIGUEIRA

A deriva

Pedro Bandeira

Neste livro não se deve procurar os factos da história universal, mas procurar encontrar o universo reconfigurado em função de um lugar específico. A cada passo, o círculo fecha-se e reentramos num correr inexorável do tempo onde tudo tem nexos, reencaminhando-nos sistematicamente para as ondas na foz do Mondego—o lugar onde Miguel Figueira cresceu e onde, com o surf, aprendeu a relacionar-se com o mar. Mas se a narrativa nos conduz a este lugar específico, a história deste lugar não é mais do que a história de outros lugares, de outros atores e de outras ondas—do mar que não se divide e que não tem fim.

A formação em arquitetura levou Miguel Figueira a trabalhar o «vazio» como matéria. Ao desenhar paredes, portas, janelas, volumes construídos, um arquiteto trabalha com materiais e fenómenos físicos, como os tijolos ou a luz.

Mas esse trabalho não é mais do que uma estratégia para conformar o que envolve a matéria, o espaço «vazio» onde habitamos, o espaço que o uso transforma em lugar.

O desenho das ruas e praças de Montemor-o-Velho foi o primeiro trabalho de Miguel Figueira como arquiteto integrado no gabinete técnico da Câmara Municipal.

Ao desenhar o espaço público estava, também, a desenhar o «vazio»—o «vazio» urbano. Mais tarde, redesenhou com a equipa municipal os canais do rio e os caminhos de quem se movimenta no amplo espaço do vale do Mondego. A oportunidade de se apropriar e habitar este vale surgiu com o projeto para um equipamento desportivo—o Centro Náutico—onde Miguel Figueira compreendeu que, tal como as casas dependiam do «vazio» entre si, a vila dependia do «vazio» do vale.

A grande diferença, era que na vila (assente sobre o maciço rochoso) a água era mantida à distância, mas no vale era matéria de trabalho.

A escala territorial na aprendizagem com o vale e o rio, levaram Miguel Figueira a estudar o mar e em particular a onda do Cabedelo, na foz do Mondego, onde pratica surf há mais de três décadas. Ao longo desse tempo foi-se apercebendo das diferentes dinâmicas que constroem e desconstróem a orla costeira. Um sistema complexo com uma instabilidade natural (decorrente de marés, das correntes, dos fenómenos meteorológicos, das derivas de sedimentos), mas também decorrente da ação humana salientando-se aqui a interferência da barra do porto marítimo da Figueira da Foz e do seu prolongamento, que põe em risco a qualidade da onda do Cabedelo.

Em resposta ao desafio lançado pelo surfista Eurico Gonçalves, Miguel Figueira envolve-se no movimento cívico SOS Cabedelo denunciando o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego—uma infraestrutura portuária que inibe a deriva de norte para sul de sedimentos que ficam retidos na Praia da Claridade da Figueira da Foz (seguramente a maior praia artificial da Europa).

“Uma solução pontual não faz sentido. O mar trabalha todos os dias e nunca se cansa”

Surfista da foz do rio, Miguel Figueira, em 2019, criou o SOS Cabedelo para alertar a freguesia, o município e a região sobre o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego para manter a praia.

“Uma solução pontual não faz sentido. O mar trabalha todos os dias e nunca se cansa”, diz Miguel Figueira, surfista da foz do rio Mondego, em 2019, criou o SOS Cabedelo para alertar a freguesia, o município e a região sobre o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego para manter a praia. O movimento cívico SOS Cabedelo denuncia o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego, uma infraestrutura portuária que inibe a deriva de norte para sul de sedimentos que ficam retidos na Praia da Claridade da Figueira da Foz (seguramente a maior praia artificial da Europa).



O SOS Cabedelo denuncia o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego para manter a praia.



O SOS Cabedelo denuncia o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego para manter a praia.

“Uma solução pontual não faz sentido. O mar trabalha todos os dias e nunca se cansa”, diz Miguel Figueira, surfista da foz do rio Mondego, em 2019, criou o SOS Cabedelo para alertar a freguesia, o município e a região sobre o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego para manter a praia.

“Uma solução pontual não faz sentido. O mar trabalha todos os dias e nunca se cansa”, diz Miguel Figueira, surfista da foz do rio Mondego, em 2019, criou o SOS Cabedelo para alertar a freguesia, o município e a região sobre o impacto ambiental do prolongamento do molhe norte da barra do Mondego para manter a praia.

azul.

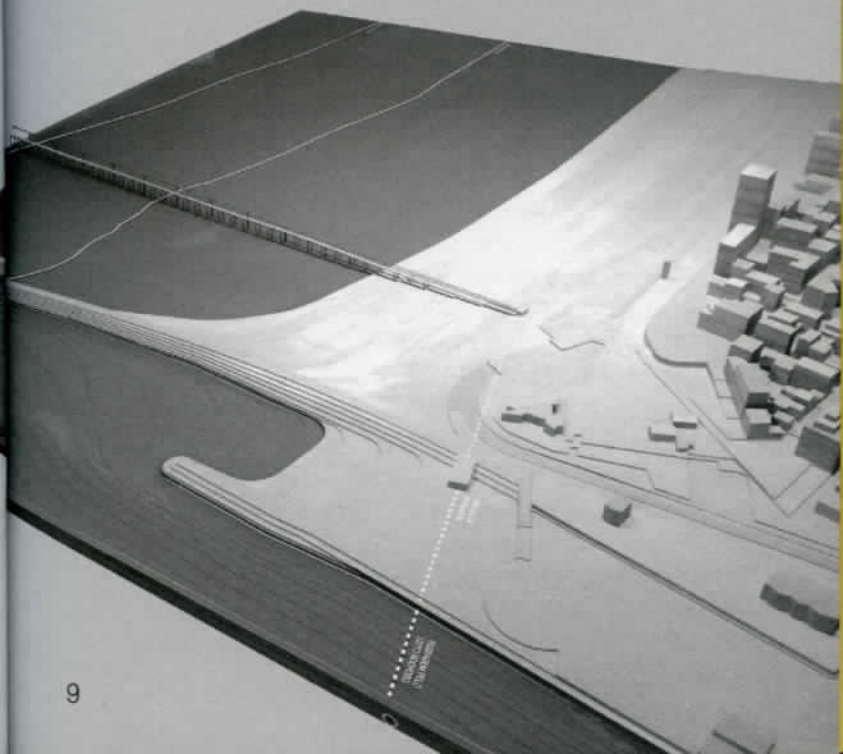
Não menos grave, a retenção de sedimentos a norte da barra, tem como consequência uma aceleração da erosão da costa a sul, com especial incidência na Praia da Cova Gala, Costa de Lavos e Leirosa, e ainda com impacto nas frentes de mar até à Nazaré.

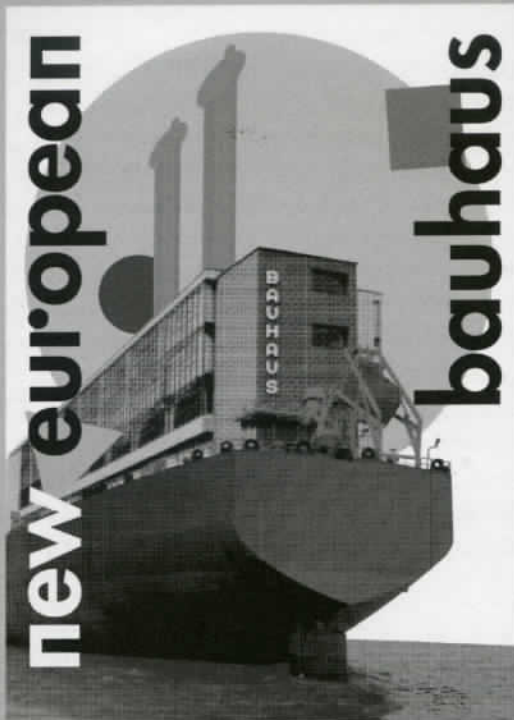
Como arquiteto, Miguel Figueira procurou encontrar soluções para este problema, propondo, em 2010, a construção de um «bypass» para a Figueira da Foz — um sistema mecânico de bombagem permanente de areias que permite restabelecer e controlar, em grande parte, a dinâmica dos sedimentos que alimentam a costa. A ideia do «bypass» foi reconhecida, no mesmo ano, pela atribuição do Prémio Movimento Milénio que proporcionou a Miguel Figueira uma viagem a Coolangatta, na Austrália, para estudar um sistema de «bypass» semelhante (a funcionar desde 2001) e surfar no Pacífico. Foi durante a sua estadia na Austrália que tomou conhecimento de ter ganho a menção honrosa no âmbito do *Concurso Público de Conceção para a Requalificação e Reordenamento da Praia e Frente de Mar da Figueira da Foz e Buarcos* (2011), com a proposta de devolver «o mar à cidade» — fazendo recuar a linha de costa na Praia da Claridade para o lugar que conhecemos das fotografias dos anos 30 — um cenário absolutamente plausível assente no desenvolvimento expectável do «bypass».

Foram necessários dez anos para que a Agência Portuguesa do Ambiente e o seu Departamento do Litoral e Proteção Costeira reconhecessem, que a solução do «Bypass» é técnica e economicamente viável sendo também a que apresentará melhores resultados comparativamente a sistemas alternativos (conclusões do *Estudo de Viabilidade da Transposição Aluvionar das Barras de Aveiro e da Figueira da Foz*, publicado em março de 2021, divulgado publicamente em 2022).

No âmbito do Movimento SOS Cabedelo, Miguel Figueira e Eurico Gonçalves, conseguiram a inscrição das ondas da Figueira da Foz (reconhecimento da sua importância

e necessidade da sua proteção) no Programa da Orla Costeira Ovar-Marinha Grande (2017, publicado em DR 2019) o que abriu um precedente para subsequente inscrição de outras ondas como a do Canhão da Nazaré ou a de Supertubos em Peniche. Simultaneamente, e ainda no âmbito do SOS Cabedelo, foram desenvolvidos diversos projetos para a valorização do surf. O projeto «Electric Surf» com iluminação do mar à noite, de 2010, foi uma experiência efetuada com grande sucesso, em 2019, durante o festival internacional Gliding Barnacles. Destaca-se igualmente o projeto do Teleférico sobre o Mondego, também de 2010, com o fim de ligar o centro da cidade e a Praia do Cabedelo na margem sul, encurtando a distância de 6 km (que tem de ser percorrida de carro pela ponte Edgar Cardoso), para uns módicos 170 metros que é a largura do Mondego na sua foz. O projeto do Teleférico não foi concretizado, mas o seu sentido está





Miguel Figueira com José Albergaria no âmbito do manifesto *Bauhaus of the Seas*, subscrito por Nuno Jardim Nunes, Frederico Duarte, Heitor Alvelos, Mariana Pestana, Miguel Figueira— Grupo de trabalho para a *New European Bauhaus*, 2021.

espelhado na presente decisão camarária de adquirir dois barcos para fazer a travessia do rio aproximando as duas margens.

Nem sempre as propostas de Miguel Figueira são concretizadas (apesar das garantias do Governo sobre a construção do «bypass» ainda não há certezas sobre a data da sua execução), mas são frequentemente um primeiro passo para iniciar o debate em torno de um problema ou para identificar uma solução alternativa.

O projeto intermunicipal da Ciclovía do Mondego, propondo ligar Figueira da Foz a Coimbra, foi iniciado por Miguel Figueira há mais de vinte anos, para reaproximação das comunidades do Baixo Mondego ao rio. Condicionada pela complexidade que caracteriza os processos de construção do território (tomados por tempos e interesses nem sempre convergentes), a Ciclovía só foi, ainda, parcialmente construída, mas, na sua essência, sabemos que exprime a vontade de reintegrar um território para usufruto coletivo.

Numa outra escala, destacamos a colaboração de Miguel Figueira no projeto «Bauhaus of the Seas», de 2021, no âmbito do European Green Deal, que agora começa a dar os primeiros passos. Para além da colaboração no manifesto que inscreveu o mar no debate da New European Bauhaus, propôs que a Nova Escola fosse num barco no mar — uma escola nómada e não num edifício implantado num lugar específico do espaço continental europeu. Promovendo um tráfego de conhecimento intercontinental e intercultural, a «Bauhaus of the Seas» expressa a ambição de integrar os oceanos na agenda europeia para as alterações climáticas.

É no âmbito da cidadania e do ativismo ambiental e apartidário, que deveremos enquadrar o trabalho que Miguel Figueira desenvolveu em torno das ondas da foz do Mondego ou da «Cidade Surf», na fronteira entre terra e mar — uma ação local que não deixa de espelhar uma preocupação global: o impacto das ações humanas sobre os sistemas costeiros.

Apesar da nossa consciência social, felizmente cada vez maior, sobre as questões ecológicas ou sobre as alterações climáticas, continuamos a dar prioridade aos problemas quotidianos, subestimando que, muitas vezes, na sua origem estará a perda de horizonte. O futuro tornou-se «vazio», cedendo sempre ao imediatismo e ao mediático.

Miguel Figueira aprendeu a olhar o «vazio». O «vazio» aparente que emerge em primeiro lugar do desconhecimento, mas que depois se apropria, se torna consciente, e se afirma como espaço que nos constrói e que modela o território que habitamos. Este percurso de aprendizagem em torno do «vazio» acaba por ser o fio condutor da narrativa deste livro. Não procura nada de novo, nem tão pouco validar qualquer tese. Esforça-se por trilhar os mesmos caminhos de quem também seguiu as correntes do mar atento às variações da atmosfera. Da lógica ancestral da fixação de povoados aos mecanismos complexos da indústria contemporânea, o mundo que Miguel Figueira observa e trabalha reencontra-se naquele lugar específico capaz de encapsular todas as suas contradições.

O mar é o espaço para onde convergem esses caminhos:
11 O Mar é a nossa Terra.

Concebido como objeto autónomo este livro parte da exposição **O Mar é a Nossa Terra**, coproduzida pelo Centro Cultural de Belém (CCB) e pelo Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT) da Universidade do Minho. Esta reedição ampliada teve o apoio da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Editores

Pierrot le Fou / Lab 2PT

Coordenação editorial

Pedro Bandeira, Miguel Figueira

Textos

Miguel Figueira, André Tavares

Prefácio

Pedro Adão e Silva, Pedro Santana Lopes, Pedro Bandeira

Design Gráfico

Change is Good

Curadoria da exposição

Miguel Figueira e André Tavares com Pedro Maurício Borges, Marta Labastida, Ivo Poças Martins, Pedro Bandeira e Eurico Gonçalves

Itinerância

Garagem Sul, Centro Cultural de Belém, Lisboa de 11.03.20 a 17.01.21;

Forum d'Urbanisme et d'Architecture, Nice de 19.11.21 a 17.02.22 ;

Meeting Point, Figueira da Foz de 14.06.2023 a 29.05.2024.

Agradecimentos

Câmara Municipal da Figueira da Foz, Centro Cultural de Belém, Universidade do Minho, Arquivo Histórico e Fotográfico Municipal da Figueira da Foz, Associação de Desenvolvimento Mais Surf, Centro de Estudos do Mar e das Navegações Luís de Albuquerque, Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro, Serviços Florestais da Marinha Grande, Centro Português de Fotografia, Biblioteca Municipal de Ovar, Escola Superior de Artes e Design—Caldas da Rainha, The Navigator Company, Adelino Agostinho, Aitor Ochoa Argany, Alfredo Pinheiro Marques, Ana Paula Cardoso, Ana Fróis, Ana Pereira, António Loureiro, Armando Benedito, Bruno Leonel Marques, Carla Cardoso, Carlos Henrique Azevedo, Daniel Gameiro, Daniel Pereira, Daniela Araújo, Diego Inglez de Souza, Eduardo Morais, Eduardo Traveira, Filipe Duarte Santos, Filipe Madeira, Filipe Ribeiro, Gabriele Basílico, Gonçalo Cristo, Helena Dinamene, Joana Nascimento, Joaquim Varela, João Armando Ribeiro, João Bracourt, João Francisco Figueira, João da Gorda, João Santos, João Soares, João Teles Alves, Jorge Nogueira, José Mateus, José Antunes, José Pedro Alvarez, José Pimentel Pereira, José Vidas, Julien Veran, Lia Antunes, Lucílio Caneira, Luís Campos, Madalena Reis, Manuela Silva, Manuel Alberto Pimentel, Manuel Bispo, Manuel Luís Pata, Manuel Traveira, Márcio Oliveira, Margarida Perrolas, Margarida Ventosa, Margarida Vieira, Maria Manuel Ataíde, Miguel Carvalho, Nelson Mota, Nuno Morais, Paulo Fonseca, Paulo Vaz, Pedro Agostinho Cruz, Pedro Falcão, Pedro Nuno Ramalho, Pedro Pessoa, Pedro Vieira, Ricardo Bravo, Telma Costa, Tiago Casanova, Xué Gil Guidonet.

Impressão: Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem 2ª edição: 1000 exemplares

Figueira da Foz, junho de 2023

ISBN: 978-989-53583-8-0

Depósito legal: 516775/23

HÁ SÓ MAR NO MEU PAÍS: É É ELE QUEM DIZ, É É ELE QUEM SOU.

AFONSO DUARTE